

Rodovia Lindenberg abandonada

A114575

Foto de Nestor Muller

Evando Demuner

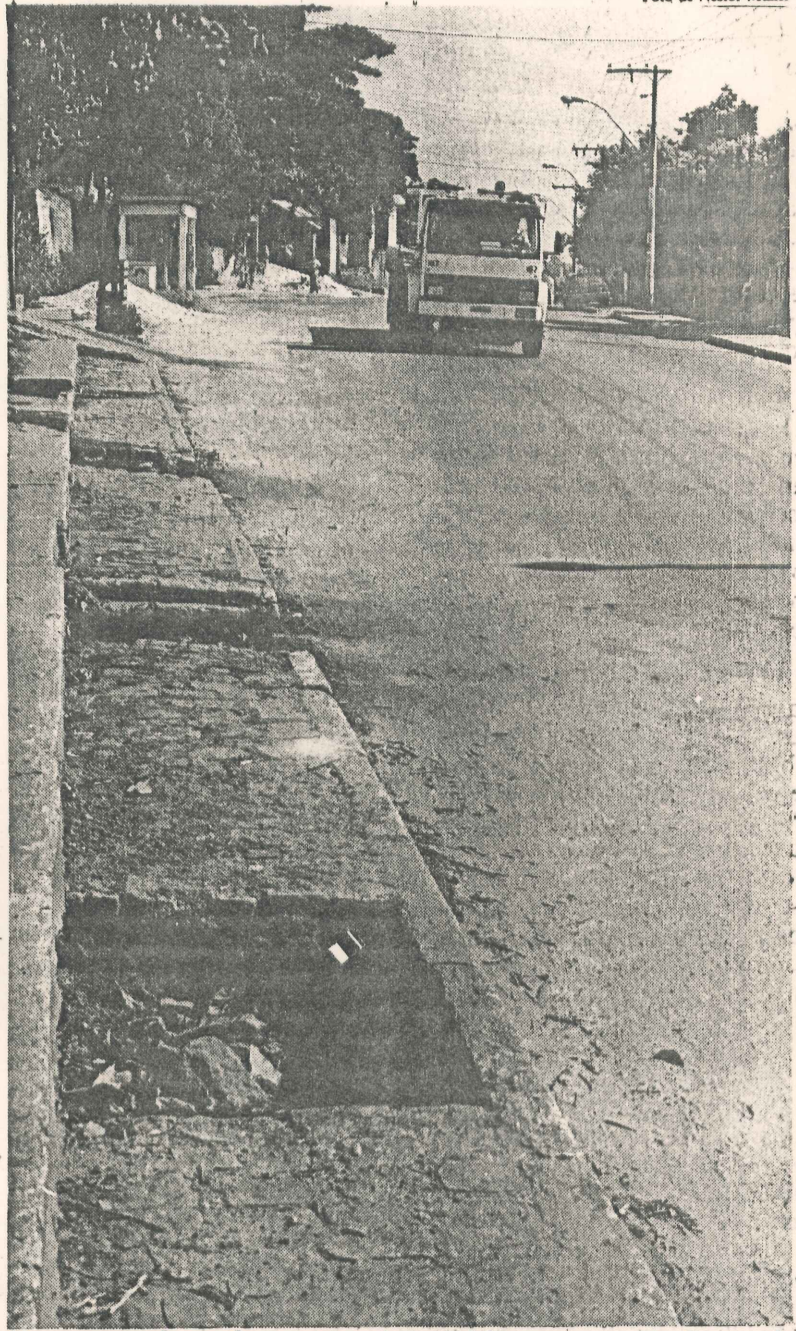
Quarentona, a rodovia Carlos Lindenberg apresenta traços de senilidades superiores à sua idade. Falta de acostamento, muita sujeira e cruzamentos dignos de estrada de chão ainda fazem parte do seu dia-a-dia. Até mesmo irmãs mais jovens, como a rodovia Darli Santos, estão recebendo melhor tratamento. Ontem, esta rodovia estava sendo limpa em toda a sua margem, justamente até ao entroncamento com a Lindemberg.

Já no começo da rodovia Carlos Lindemberg, subindo a ladeira que dá acesso a partir de São Torquato, pode-se notar que o monumento erigido em memória à sua construção é o retrato de si mesma. Mal cuidado, quase some no meio do mato. Entregue em 9/9/51, no governo de Jones Santos Neves, de lá para cá ganhou inúmeras obras, inclusive duplicação, mas seus problemas cruciais foram esquecidos. O trecho citado já foi palco de anos de engarrafamentos, até que chegasse a segunda ponte.

Com a construção da Terceira Ponte, perdeu boa parte do peso de tráfego, ajudando o DER a esquecer por mais algum tempo os projetos de construção de trevos nos pontos negros de sua extensão. Nas entradas de Cobilândia e do Ibes, os sinais luminosos chegam a ter quatro tempos, um rudimentar método de controlar saídas e entradas de veículos, com até seis fluxos diferentes. "É um absurdo", disse Alceu Ferreira, que tem comércio perto da entrada do Ibes.

Ali, como na entrada para Cobilândia, são comuns os acidentes. O índice só diminuiu porque a Terceira Ponte roubou uma boa parte do trânsito. A rodovia Darli Santos também cooperou enormemente, tirando milhares de carros já antes do cruzamento do Ibes.

Voltando ao início da rodovia, encontra-se problemas



Buracos, em lugar de acostamentos, e sujeira tomam conta da estrada

do "arco da velha". A lateral esquerda de quem vai para Vila Velha está tomada de entulhos e mato. Acostamento não existe, como nunca existiu. "Eles esqueceram este setor da rodovia depois da segunda ponte", esclareceu dona Arminda Quinteiros, moradora de Cobi de Baixo.

O grande problema nas pistas é a sujeira. Terra depositada de meses e meses entulham a beira dos canteiros centrais. Na entrada para Santa Inês a areia espalha-se pelo asfalto, diminuindo a capacidade de frenagem dos carros. "Já assisti muita batida

aqui", testemunha o frentista do posto na rodovia. Neste trecho outro complicador é o grande número de carros que estaciona nas laterais, diminuindo a pista da rodovia, aumentando o perigo.

O único detalhe que está acima da média é a sinalização vertical, que está vencendo anos, mas orientando razoavelmente os motoristas. Muitas placas estão amassadas ou escondidas pelo mato, mas as que sobram são referências corretas. O DER não tem expectativa de melhorar o que está ruim, embora os projetos existam. Falta é dinheiro.